

MINA SÃO FELIX DO AMIANTO: TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS

Problemas ambientales, cambio climático y gestión de riesgos

Kátia Rocha Almeida¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Katiageo1@yahoo.com.br

RESUMO: A mina São Felix do Amianto foi descoberta em 1936, sendo a primeira no Brasil a ser explorada em larga escala. A mesma está localizada no município de Bom Jesus da Serra, que foi desmembrado do município de Poções em 1989. A extração do minério ocorreu entre as décadas de 1930 e 1960 pela Sociedade Anônima de Mineração (SAMA). Nesse período, mesmo sabendo que o amianto é nocivo à saúde, a empresa não fornecia a seus funcionários equipamentos de proteção coletiva e individual. Muita riqueza foi produzida, mas pouco ficou na área afetada. Assim, a pesquisa busca analisar os problemas de saúde, ambientais, sociais e econômicos ocasionados a partir da extração do minério na localidade. Para isso foram utilizadas fotografias da época e observada a paisagem atual, em que pode ser verificada uma intensa modificação da paisagem, sendo cerca de 300 km² de passivo ambiental. Também foi feita entrevista com o Sr. Esmeraldo, liderança na busca pelos direitos dos atingidos pelo amianto na localidade, além de outras pessoas que contraíram a doença ou seus familiares. Foi constatado que por conta da inalação das fibras do amianto muitos homens ficaram doentes (asbestose, mesotelioma e câncer de pulmão), e também suas mulheres, pois ao lavarem as roupas dos maridos que trabalhavam na mina também tinham contato com a fibra; além de muitas crianças que brincavam no lago, que foi formado a partir da extração, na medida em que foi formado um cânion medindo mais de 200 metros de profundidade e 1 km de distância. As famílias não foram indenizadas, nem os pacientes foram tratados, sendo esta situação camuflada durante muito tempo.

PALAVRAS CHAVE: amianto, trabalho, sócio-ambiental, saúde.

INTRODUÇÃO

Há uma intensa exploração de minérios no Brasil, que são comercializados dentro e fora do país. A mineração provoca primeiramente o desmatamento e a escavação de grandes extensões de terra e, em seguida, lança resíduos de pó e de produtos químicos no solo, ar e águas. Além dos problemas ambientais, causa também diversos problemas de ordem social e de saúde dos trabalhadores. A depender do tipo de minério são provocadas conseqüências diferenciadas à área e populações envolvidas.

A primeira mina de amianto a ser explorada no Brasil foi a mina de São Félix, localizada no antigo distrito do município de Poções, que se tornou município de Bom Jesus da Serra em 1989. Essa exploração deixou marcas no local, com uma profunda degradação da natureza, além de muitos trabalhadores que ficaram doentes por conta do minério. A economia local perdeu força quando a mina deixou de ser explorada, e mesmo mais de trinta anos depois, os trabalhadores ainda morrem de doenças, como a asbestose, o mesotelioma e o câncer de pulmão.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Geografia e especialista em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (2008 e 2010), mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, atualmente docente na UESB, atuando nas áreas de Epistemologia e Metodologia da Geografia.

No intuito de analisar o processo histórico e as conseqüências da atividade mineradora de amianto no atual município de Bom Jesus da Serra, foram feitas leituras sobre o assunto e realizou-se uma visita ao local, com as orientações do Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira, que conviveu com os avanços econômicos locais por conta da extração do amianto, e também com os malefícios sentidos posteriormente, tanto de ordem econômica, com o declínio da economia local, quanto com relação às questões sociais, ambientais e também de doenças acometidas às pessoas que tiveram contato com a fibra do amianto. Além disso, é forte liderança na busca pela efetivação dos direitos dos trabalhadores da mina e de suas famílias.

A exploração do amianto deixou marcas profundas na localidade, tanto ambientais, quanto sociais e econômicas. Desse modo, busca-se compreender quais os interesses econômicos para que houvesse a exploração da mina São Félix do amianto, e as conseqüências trazidas por cerca de três décadas de exploração, marcas que ainda se mantêm vivas na comunidade. Esta questão se desdobra em alguns objetivos específicos como: levantar informações sobre a descoberta da mina e a empresa responsável por sua exploração; analisar as relações de trabalho e as condições de vida dos trabalhadores; verificar os tipos de doenças causadas pelo contato com a fibra do amianto, e quais as formas de contaminação; e analisar as modificações espaciais a partir da exploração do amianto.

AMIANTO: EXTRAÇÃO E USO

O amianto é uma fibra mineral natural (Figura 01), cujas principais características são: possui resistência mecânica à tração superior à do aço (esta é a mais importante característica física das fibras de amianto); não sofre decomposição química; não oxida; é resistente aos efeitos de produtos químicos e microorganismos; apresenta boa capacidade de filtragem e de isolamento elétrico e acústico; tem grande durabilidade e flexibilidade; tem afinidade com o cimento, resinas e ligantes plásticos, formando uma trama estrutural; é estável em ambientes com diferentes valores de pH; é fácil de ser tecido ou fiado; apresenta parede externa de caráter básico e compatível com a água; possui elevada resistência dielétrica (isolante da eletricidade) (CNTA, 2010).

O amianto é também chamado de asbesto. A palavra amianto tem origem latina (amianthus) e significa “sem mácula”, “incorruptível”. Asbesto vem do grego e quer dizer: “o que não é destruído pelo fogo”. As duas expressões – amianto e asbesto -, como se percebe, têm o mesmo significado. Elas identificam duas das principais qualidades do amianto: sua capacidade de suportar altas temperaturas e sua resistência à tração (BRASIL, 2010, p. 42)

Todas essas qualificações fizeram com que esse minério fosse usado como matéria-prima para a fabricação de mais de 3 mil produtos, como: roupas, telhas, caixas d’água, canos, isolante, fibrocimento, pisos, adesivos, tintas e impermeabilizantes, sistema de embreagem e freio de veículos. Há uma grande variedade de tipos de amianto encontrados na natureza, que se dividem em dois grupos: as serpentinas e os anfibólios. A serpentina só tem uma variedade: o crisotila; os anfibólios têm cinco variedades de valor comercial (BRASIL, 2010).



Figura 01 - Fibra do amianto

Fonte: Kátia R. Almeida, em Trabalho de campo, em 15 ago. 2013.

Pode-se dizer então, que o amianto está em toda parte, podendo causar prejuízos aos trabalhadores não somente das minas, mas também da construção civil, das fábricas de tecidos, de autopeças, entre outros; além de seus familiares, que podem contrair a doença pelo contato com as roupas dos trabalhadores. Na atualidade opera a mina de Cana Brava, no município de Minaçú – MG. A mina foi descoberta em 1962, com início das atividades em 1967 (mesmo ano que foi desativada a mina São Felix do Amianto), sendo a única mina de amianto crisotila da América Latina explorada atualmente (CNTA, 2010). Por conta dessa mina, o Brasil é hoje o terceiro maior produtor mundial de amianto, e ainda exporta cerca de 60% de sua produção. O consumo no Brasil hoje gira em torno de 175 mil toneladas/ano, sendo 97% para produtos de cimento-amianto (fibrocimento) e 3% para produtos de fricção e outros (CNTA, 2010).

De acordo com alguns especialistas e também a Comissão Nacional dos Trabalhadores do Amianto (CTNA), o amianto crisotila é menos perigoso que o amianto anfibólio. Existem mais de 30 variedades de amianto, mas poucas têm valor comercial. A extração e comercialização dos anfibólios, que são fibras duras, retas e pontiagudas, estão proibidas no Brasil. Assim, há uma longa discussão se há riscos para a saúde mesmo utilizando o amianto crisotila e com equipamentos de segurança para os trabalhadores; mas, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) todos os tipos de amianto são cancerígenos.

O amianto pode estar relacionado com três doenças principais: a **asbestose**, doença pulmonar relacionada com a prolongada inalação de poeira contendo fibras de amianto, que pode tornar o pulmão fibrosado e sem elasticidade, causando dificuldades respiratórias, sendo que o período médio de aparecimento da doença é de 15 (quinze) anos; o **mesotelioma**, forma rara de tumor maligno que se desenvolve no mesotélio (membrana que envolve o pulmão – pleura -, o abdômen e seus órgãos – peritônio), sendo que o período de aparecimento da doença, desde o início de exposição, é de trinta e quarenta anos e o **câncer de pulmão**, que é semelhante ao câncer causado pelo fumo, sendo que o tempo de surgimento da enfermidade, desde a exposição às fibras de amianto, é de 20 anos, em média (BRASIL, 2009, p. 03)

Assim, muitos trabalhadores foram e ainda são diagnosticados com doenças ligadas ao fumo, como mais uma forma de camuflar as doenças causadas pelo contato com a fibra, que vai muito além do trabalho direto nas minas, mas que envolvem os trabalhos indiretos, e inclusive, as mulheres e demais familiares dos trabalhadores que entram em contato com suas roupas.

EXPLORAÇÃO DE AMIANTO NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA SERRA-BA

Em 1937 foi descoberta a primeira mina de amianto do Brasil, situada naquele período no município de Poções - BA (atualmente faz parte do município de Bom Jesus da Serra, que se desmembrou de Poções em 1989). A mina foi explorada do final da década de 1930 até 1967, quando foi desativada.

Até o final da década de 1930, todo amianto utilizado no Brasil era importado. As primeiras jazidas com potencial econômico descobertas no território nacional datam de 1936: 1) a mina de São Félix do amianto, localizada no antigo distrito de Poções (BA), que depois se tornou o município de Bom Jesus da Serra; 2) mina de Dois irmãos, em Pontalina (GO). Diz SCLiar que o grupo Brasilit (da francesa “Compagnie Pont-à-Mousson”) chegou ao Brasil em 1939, e o grupo Eternit (belga, “Compagnie Financière Eternit”), em 1940. Para explorar a mina de Bom Jesus da Serra a Brasilit constituiu a “S.A. Mineração de Amianto, SAMA” (BRASIL, 2010, p. 54).

A história da descoberta da mina e do início da exploração é contada também pelos moradores e pelo Sr. Esmeraldo:

[...] Estava passando aqui de avião, que deu uma pane, e ele pousou dentro de uma roça de um cidadão, [...] parou por aqui, e lá o povo conversando e levou muito tempo para consertar o avião e tal, fez amizades e foi preparar uma pista para ele decolar, o avião ficou bom, e a pista demorou muito, muita gente ajudando, sempre vinha um grupo para ajudar [...] e numa dessas caminhadas alguém comentou de uma pedra cabeluda, o gado passava num caminho desse aí por cima das pedras, as pedras só de fibra, e ia saindo, ia aflorando. Aí ele pediu para ver e o cara trouxe, e aí ele descobriu que era amianto. Alguns meses depois chegou Hipólito Pujol Júnior (é o nome do prédio escolar), que era um geólogo, acompanhado por Zacarias Pimentel. Então foram fazer o trabalho de sondagem e descobriu que aqui tinha bastante amianto, isso foi em 1936. E aí vieram Pujol, Zacarias e mais outros engenheiros da SAMA, e trabalharam um período aqui artesanal em 1936 (todo trabalho era artesanal) [...] para beneficiar a fibra para ver a qualidade, essa coisa toda. Em 1937 foi que realmente começou o trabalho em escala industrial, aí já vieram máquinas e a coisa toda, e aí começou a trabalhar (Palestra/entrevista com o Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira, em 15 out. 2013).

O Senado Federal renovou em 27 de março de 1940 “[...] a autorização conferida pelo Decreto n. 2.325, de 9 de fevereiro de 1938, à Sociedade Anônima Mineração do Amianto, como cessionária dos direitos decorrentes do referido decreto de autorização para pesquisar amianto na Fazenda Roça Nova, situada no Termo de Poções Estado da Baía” (BRASIL, 1940, p. 01).

Toda essa exploração ocasionou intensas mudanças no espaço. O espaço geográfico é segundo Santos (2006) um conjunto de sistema de objetos cada vez mais artificializados, e um

sistema de ações igualmente imbuído de artificialidade e cada vez mais tendente a fins estranhos ao lugar e aos seus habitantes. Assim, para Santos, M. (1985), a compreensão da organização espacial que resulta do próprio processo de reprodução do espaço geográfico só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético de interação simultânea entre: as formas espaciais, que não são simplesmente formas, mas forma/conteúdo, porque são criadas com uma intenção de conter algo num dado momento histórico; a função das respectivas formas, considerando a possibilidade de mudança de uso das formas por conteúdos não previstos quando de sua construção; a estrutura do sistema produtivo, técnico, político e cultural subjacente ao ordenamento histórico da dinâmica do espaço geográfico; e também a própria dinâmica da reprodução do espaço sintetizada nos processos socioespaciais. Assim, na mina São Félix do amianto, à época foi formada uma forte aglomeração urbana, e o local da exploração foi extremamente alterado (Figura 02).

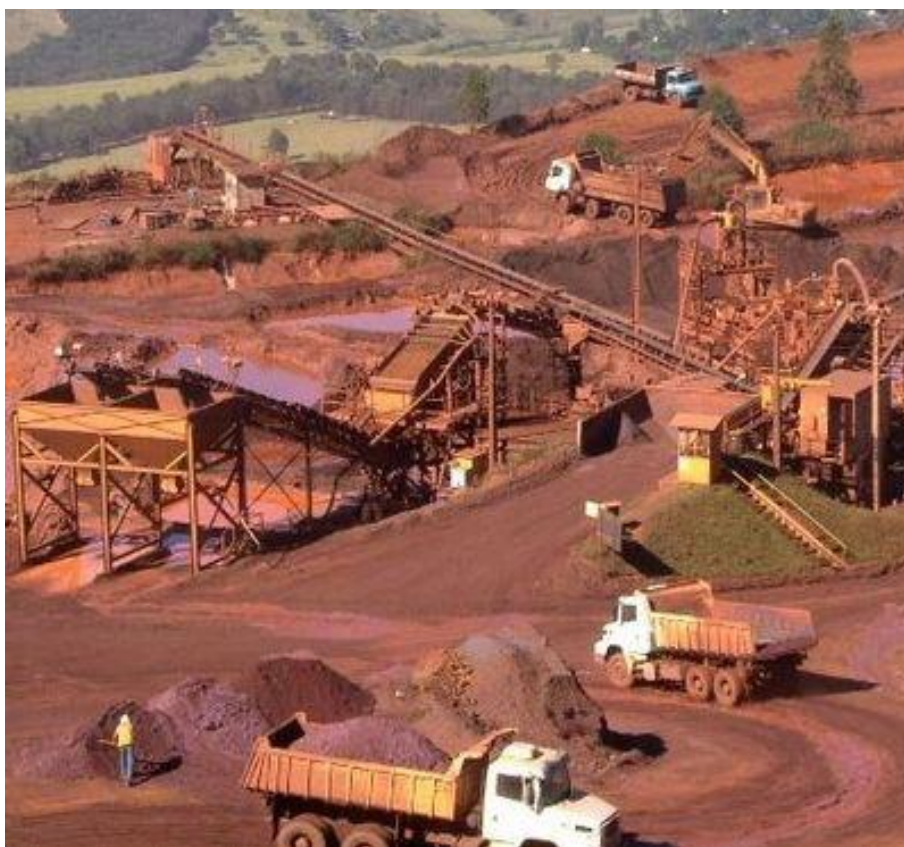


Figura 02 – Mina São Félix do amianto no período de funcionamento
Fonte: Jornal Consciência Ambiental - Extremo Sul-BA, 2011.

Mesmo após mais de quatro décadas de extinção da mina, ainda se encontram no local as muitas construções do período de exploração do minério, que tinham funções dentro do processo de produção da SAMA e hoje se encontram abandonadas (Figura 03). Segundo o Sr. Esmeraldo, pelo contrato a SAMA deveria preservar a escola, a igreja e a hospedagem (duas casas), mas o único estabelecimento reformado recentemente foi a igreja porque se encontrava em estado deteriorado.



Figura 03 - Construção na antiga Mina São Felix do Amianto
Fonte: Kátia R. Almeida, em Trabalho de campo, em 15 ago. 2013.

Essas formas revelam um passado bastante dinâmico dentro do processo de produção capitalista. Para Quaini (1979) todos os elementos, como natureza, trabalho, classes sociais, Estado, formas jurídicas, mercado etc. devem ser analisados a partir de uma “[...] dialética que não anula a diferença real e que leva em consideração a desigual relação da produção material com o desenvolvimento das relações de produção e com o desenvolvimento cultural, artístico etc.” (QUAINI, 1979, p. 75).

Desse modo, pode-se considerar que a divisão de classes e a intensa exploração de mão-de-obra com a exaustão no trabalho eram acompanhadas de doenças cancerígenas contraídas com o contato com a fibra, mesmo que por poucos anos. O suposto “desenvolvimento” daquele período, com o aumento do poder de compra na região, em que existia pista de pouso com vôos diretos para Salvador, além da aglomeração urbana, construção de estradas etc, veio acompanhada de mudanças culturais e de um imenso descaso com o ambiente e com a vida humana. Assim, na medida em que existe a produção dos objetos e do espaço geográfico, também ocorre a transformação das pessoas. “O espaço não é humano porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e meio de toda a atividade humana” (CARLOS, 2008, p. 33).

A SAMA assim modificou o espaço trazendo certa estranheza àqueles que ali habitavam “[...] através do trabalho, o homem exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa” (SANTOS, 2006, p. 50). E com a extinção da mina vieram problemas de diversas ordens que afligem os moradores da área até hoje. No local, durante quase três décadas de exploração, com a escavação de verdadeiras crateras, foi formado um cânion (Figura 04), e um túnel.



Figura 04 - Cãnion formado pela extração do amianto na Mina São Felix do Amianto, no município de Bom Jesus da Serra – BA
Fonte: Kátia R. Almeida, em Trabalho de campo, em 15 ago. 2013.

Segundo o Sr. Esmeraldo nessa área se encontra “o maior passivo ambiental da Bahia, são mais de trezentos hectares tomados de rejeitos. Não é coisa pouca não, são trezentos hectares tomados de um produto que é o amianto”. Mesmo com toda exploração sofrida, ainda pode ser vista a vegetação aflorando no local (Figura 05).



Figura 05: Construção e vegetação na Mina São Felix do Amianto, no município de Bom Jesus da Serra – BA,
Fonte: Kátia R. Almeida, em Trabalho de campo, em 15 ago. 2013.

Mas somente o afloramento da vegetação não basta, pois a contaminação continuará a existir. Na visitação à mina no ano de 2013 foi exposto pelo Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira os descasos e da subserviência das administrações públicas do município de Poções e de Bom Jesus da Serra, na medida em que deixaram de disponibilizar os procedimentos de saúde aos afetados pelo amianto. Ao comemorar 24 anos da “emancipação” política do município, o jornal Portal Sudoeste faz uma verdadeira exaltação às “benesses” trazidas para a localidade pela SAMA, e que há um esclarecimento do correto uso do mineral.

Exemplarmente as questões de saúde, segurança se junta a preocupação ambiental. Essas práticas de boas maneiras e atitudes garante o uso seguro do mineral crisólita, nas gestões sócios ambientais e econômica patrocinada pela empresa (CRUZ, 2013, p. 03).

Porém, com base em pesquisas bibliográficas, documentais e relatos daqueles que foram diretamente atingidos pela extração do amianto, acredita-se que o amianto é nocivo à saúde humana em todas as suas formas, ainda que a exposição seja em poucos anos de trabalho e com equipamentos de segurança individual e coletivos, pois muitas pessoas morreram e ainda continuam morrendo por conta da extração de amianto na mina São Félix. A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta para diversas doenças pulmonares, e mesmo num paciente com mais sorte, são ocasionados problemas respiratórios e dores pulmonares (MACHADO, 2005).

O que se observa é que os interesses econômicos estão acima das questões sociais, e do bem coletivo da população. Os países desenvolvidos já extinguiram a produção de amianto em seus territórios, mas ainda existem nos países subdesenvolvidos e “em desenvolvimento”. Uma vez que a sociedade humana é movida por interesses, intenções ilimitadas, o que sugere a criação de regras, normas para bem conduzir os interesses de “todos”, com isso, o espaço geográfico é cada vez mais preparado segundo um plano orientado pelas normas formais (criadas pelo Estado que submete todos) e informais surgidas da espontaneidade da sociedade. A questão que se coloca com relação ao amianto, assim como em outras questões, é que as regras não são necessariamente seguidas porque obedecem às relações de poder, em que prevalecem os desmandos dos poderosos.

Na verdade, poluição e a degradação do meio ambiente acarretam problemas às vezes semelhantes e às vezes diferentes, conforme seja o minério explorado e beneficiado, mas a forma de se enfrentar o problema é disciplinada pela Constituição e pelas leis ordinárias do País, para ser aplicada em todo território nacional (ANDRADE, 1994, p. 83).

Porém, o que se observa na prática é o completo descaso das empresas exploradoras, que usam o espaço, degradando o ambiente e comprometendo a saúde de seus funcionários e de toda sua família; e ainda a subserviência dos representantes políticos e da mídia, que se curvam aos mandos das empresas.

A mídia, na verdade, revela apenas a ponta do iceberg. A questão é muito maior. A questão do amianto é uma demanda nacional com várias vertentes: a sociedade, que tem o direito de saber que risco está correndo ao aceitar a produção e o comércio do amianto; os ex-empregados, contaminados no passado e doentes no presente; os atuais trabalhadores na indústria do amianto, que, em parceria com os empresários do setor, defendem o uso da fibra; as atuais implicações econômicas e sociais da atividade, e o que acontecerá caso ocorra o banimento; os avanços da tecnologia nacional para substituição da fibra; as tendências do mercado nacional e internacional (BRASIL, 2010, p. 31).

Para compreender as transformações no espaço e na vida das pessoas que estavam ligadas ao processo produtivo da empresa SAMA faz-se necessário uma análise territorial, que passa pelo entendimento das relações de poder que se tecem no espaço; e essas relações, por serem bastante desiguais e conflituosas, mostram o quanto grupos e pessoas acabam se beneficiando muito mais que outros. O conceito de território sofreu intensas modificações ao longo do tempo; sendo considerado em Ratzel (1990), em 1897, enquanto mais uma porção da superfície terrestre, ainda que sua Geografia seja eminentemente política; atravessando todo século XX como uma Geografia unidimensional, em que somente o Estado seria o detentor de poder (Raffestin, 1993). Souza (1995) traz uma renovação deste conceito, considerando o território enquanto o espaço delimitado por e a partir de relações de poder. Brito (2004) traz a discussão de que mesmo sendo definido enquanto relações de poder, ao tratar de território os autores sempre se remetiam ao domínio.

O território é então entendido enquanto relações de poder e também de domínio, em que o conflito está constantemente presente, sendo que os grupos e indivíduos de maior força política e econômica acabam se sobressaindo, ainda que para isso sejam burladas as leis, que são tão frágeis quando se colocam raízes já cristalizadas do problema. As pessoas que trabalharam na mina São Félix do amianto não foram informadas sobre os danos que o amianto traria para sua saúde, mesmo tendo sido descoberto, segundo o Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira (Nego), desde 1905, ou seja,

[...] trinta anos antes da empresa SAMA se estabelecer aqui no Brasil ela já sabia que amianto matava, e ela não teve a consciência de avisar o funcionário, ou ao menos dá um equipamento de segurança pra que ele inalasse menos amianto, pra que ele tivesse menos contato com o amianto. Eu costumo dizer nas minhas palestras que a SAMA ela é assassina, e ela mata com requinte de crueldade, sabe por quê? Porque um portador de asbestose, ele morre por asfixia. O amianto age diretamente no pulmão (Palestra/entrevista com o Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira, em 15 out. 2013).

O argumento de que o amianto gera cerca de 200 mil empregos também é falacioso. Também segundo o Sr. Esmeraldo dos Santos Teixeira, esse número deve girar em torno de 5 mil, considerando tanto os empregos diretos e indiretos. E ainda que fosse tão avançada a questão econômica, no sentido de geração de empregos, esta não poderia se sobressair à saúde dos trabalhadores. Afinal, existem outras formas de se gerar emprego e renda.

Embora os defensores do amianto afirmem que produzir amianto gera emprego, a principal atividade do setor, a mineração, tem uma planta industrial que ao longo dos últimos dez anos tem reduzido o contingente de trabalhadores apesar da produção ter aumentado (BRASIL, 2010, p. 85).

Também o argumento de que é possível o uso controlado do amianto desde sua extração até o seu uso é tão igualmente falacioso, pois deveria ser feito em alto nível de controle, não somente das minas, mas também nas fábricas, inclusive, as pequenas, não sendo esta uma realidade brasileira. Assim, pode ser considerado lastimável o texto do professor Cruz, homem público que emite opinião duvidosa sobre fato de tamanha importância para a sociedade.

Observa-se que muitos argumentos tendenciosos são veiculados de forma a induzir as pessoas a acreditarem na idoneidade da empresa responsável, mostrando uma evidente “troca de favores”. O Portal Sudoeste traz a partir do texto do professor Cruz, uma visão otimista sobre a empresa. Acredita-se que há por trás dessas “informações” interesses individuais e de grupos que de alguma maneira estão se beneficiando com a situação.

As questões sociais na área de saúde e previdenciária vêm sendo assumida com êxito e elogios pela Empresa SAMA, pois garante mesmo com passar de algumas décadas mais de 100 Planos de Saúde para famílias dos antigos colaboradores, bem como exames médicos, tomografia, radiológicos, espirometria, todos realizados periodicamente buscando cientificamente detectar ações nocivas causadas a saúde pelo mineral (CRUZ, 2013).

Os funcionários são chamados de colaboradores, numa evidente estratégia de legitimação das limitadas ações da empresa, como se não houvesse uma obrigação, mas fosse um ato de caridade e amor àqueles que já serviram à empresa; sendo ridícula a exaltação em prol da continuidade de suas atividades, agora em outro lugar. De outro lado, há relatos de pessoas que adoeceram e receberam “indenizações” irrisórias, sendo o valor do tratamento muito maior, e muitas vezes, sem perspectiva de cura. Além das mulheres, que contraíram as doenças por lavarem as roupas de seus maridos, mas não conseguiram tratamento, por não serem funcionárias da SAMA. Nessas relações de poder, os trabalhadores acabam sendo deixados de lado, na medida em que há por parte da empresa uma busca incessante pelo lucro.

CONCLUSÕES

O assunto tratado neste artigo é de relevância mundial e evidencia a sobreposição dos interesses econômicos frente à vida humana e os interesses coletivos. É preciso lutar contra as atrocidades cometidas pelas empresas, neste caso, a SAMA, para que a população não seja enganada tal como aconteceu com a comunidade desta localidade, e que essa empresa pague as indenizações aos trabalhadores que adoeceram por conta do trabalho exaustivo na mina e às famílias, que foram extremamente prejudicadas, principalmente, pela perda de entes queridos.

Esse é um assunto que não pode ser esquecido, para que se consiga o banimento do amianto no Brasil, visto que os países desenvolvidos já baniram tanto a fabricação de produtos com uso do amianto, quanto o seu uso. Além disso, a área degradada deve ser recuperada, evidenciando os malefícios do modo de produção capitalista, em que não há um respeito à vida humana, quando o que está em jogo é o lucro das grandes empresas; que mais uma vez chega ao local para explorar, e por fim, se instala em outra cidade, deixando para trás a degradação ambiental, trabalhadores doentes e sem auxílio, uma economia arrasada etc.

Assim, o espaço é transformado juntamente com as pessoas, que mudam seus hábitos e costumes, além dos produtos que consomem. A necessidade de geração de emprego e renda não justifica continuar com essa prática, pois a vida e a saúde devem ser prioridades. É necessário o banimento total da produção e do consumo de todas as formas de amianto, além das indenizações e da área de exploração, que deve ser feito um estudo para verificar a ação a ser feita no local para que não haja mais riscos de contaminação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de Oliveira. Mineração e Meio Ambiente. In: **O desafio ecológico: utopia e realidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução: André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

BRASIL. Câmara dos Deputados - Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Dossiê Amianto Brasil**. Relator: Deputado Edson Duarte. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/769516.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2013.

_____. Ministério Público Federal / Procuradoria Geral da Justiça / Ministério Público da Bahia / Procuradoria da República na Bahia. **Ação Civil Pública contra a SAMA S/A Minerações Associadas**, controlada pelo grupo Eternit, 2009. Disponível em: <http://www.prba.mpf.mp.br/paraocidadao/pecas-juridicas/acoes/acp.sama_versao_para_impressao.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. Senado Federal. Decreto N. 5.381 ? de 27 de março de 1940. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=41674>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

BRITO, Cristovão. **A Petrobrás e a gestão do território no recôncavo baiano**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC., 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do Espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Comissão Nacional dos Trabalhadores do Amianto (CNTA). **O amianto no Brasil**. CNTA, 2010. Disponível em: <<http://www.cnta.org.br/?op=o-amianto>>. Acesso em: 16 set. 2013.

CRUZ, Antônio Lima. Bom Jesus da Serra e SAMA: relação histórica com marca mundial. In: **Portal Sudoeste: a credibilidade jornalística**. Poções-BA, pg. 03, 10^a ed. Ago. 2013.

Exploração de Amianto pode dar indenização de R\$ 20 mil em Bom Jesus da Serra - BA. **Jornal Consciência Ambiental** - Extremo Sul-BA, de março de 2000. Disponível em: <<http://cmfcps.arteblog.com.br/452393/Exploracao-de-Amianto-pode-dar-indenizacao-de-R-20-mil-em-Bom-Jesus-da-Serra-BA/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

QUAINI, M. **Das “Sociedades Naturais” a “Sociedade Histórica”**. In: *Marxismo e Geografia*. **Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979**.

MACHADO, Kátia. Amianto, a fibra que mata. In: **Radis: comunicação em saúde. Amianto: é urgente proibir de vez o uso da fibra que destrói o pulmão do trabalhador**. Rio de Janeiro, n^o 29, p. 8-11, 2005.

RATZEL, Friedrich. **Geografia**. Organizado por Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TEIXEIRA, Esmeraldo dos Santos. **Entrevista concedida a Kátia Rocha Almeida**. Em 15 set. 2013.